

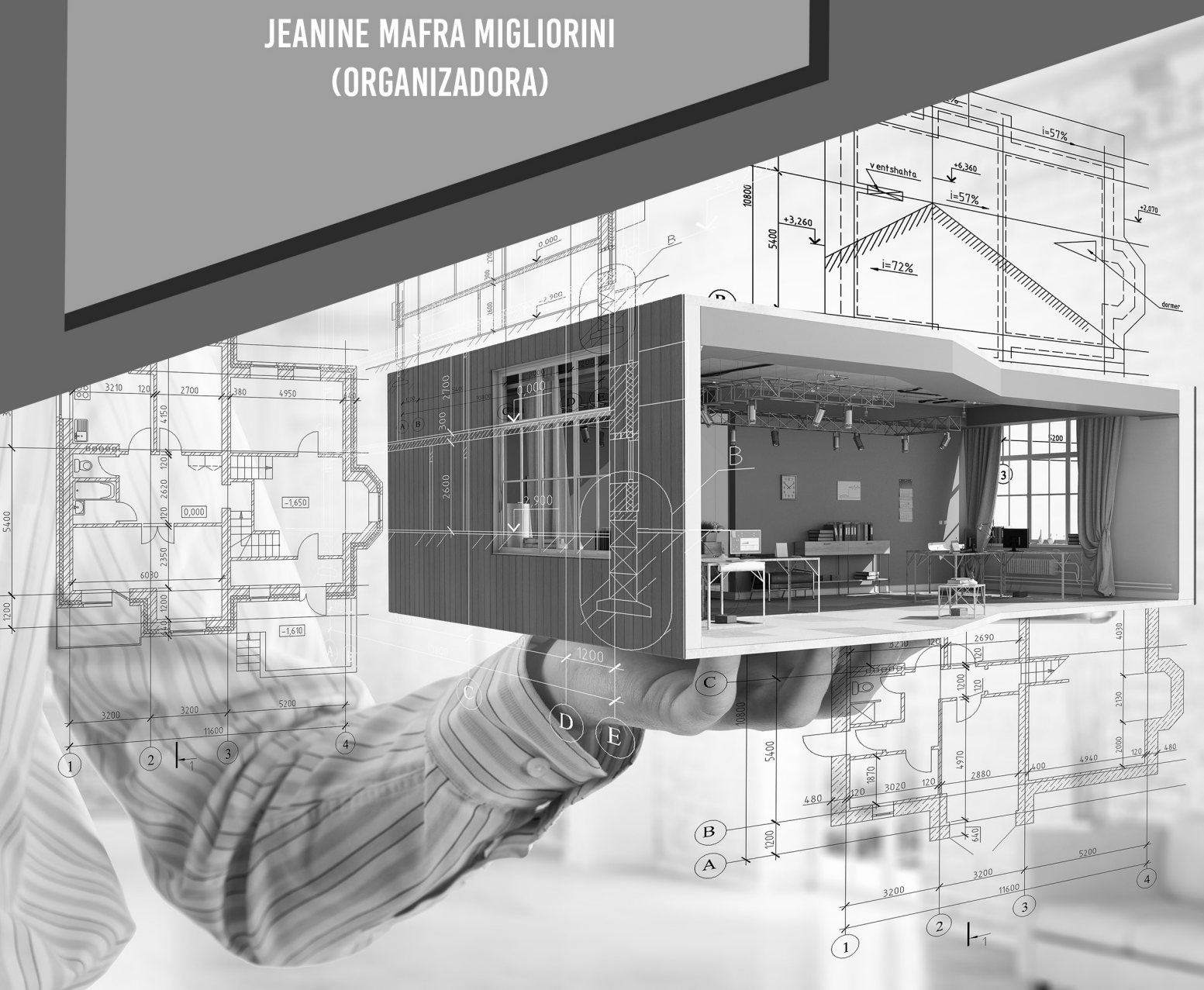
# ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE

JEANINE MAFRA MIGLIORINI  
(ORGANIZADORA)



# ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE

JEANINE MAFRA MIGLIORINI  
(ORGANIZADORA)



**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

**Edição de Arte** Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Revisão** Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima



Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay

Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA

Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Arquitetura e urbanismo: abordagem abrangente e polivalente

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Jeanine Mafra Migliorini

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : abordagem abrangente e polivalente 1 / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-195-4

DOI 10.22533/at.ed.954202207

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

  
**Ano 2020**



## APRESENTAÇÃO

Ao estudar e escrever sobre arquitetura nos deparamos com um universo que vai além da ciência, essa realidade abrange acima de tudo o social, uma vez que a arquitetura é feita para o homem exercer seu direito ao espaço, da maneira mais confortável possível. O conceito do que é exatamente esse conforto muda significativamente com o passar dos tempos. Novas realidades, novos contextos, novas tecnologias, enfim, uma nova sociedade que exige transformações no seu espaço de viver.

Algumas dessas transformações acontecem pela necessidade humana, outras, cada vez mais evidentes, pela necessidade ambiental. Um planeta que precisa ser habitado com consciência, de que nossas ações sobre o espaço possuem consequências diretas sobre nosso dia a dia. Esta discussão é necessária e urgente, nossos modos de construir, de ocupar devem estar em consonância com o que o meio tem a nos oferecer, sem prejuízo para as futuras gerações.

As discussões sobre essa sustentabilidade vão desde o destino e uso das edificações mais antigas, que são parte de nosso patrimônio e são também produto que pode gerar impactos ambientais negativos se não bem utilizados; do desaparecimento ou a luta pela manutenção da arquitetura vernacular, que respeita o meio ambiente, à aplicação de novas tecnologias em prol de construções social e ecologicamente corretas.

Não ficam de fora as abordagens urbanas: da cidade viva, democrática, sustentável, mais preocupada com o bem estar do cidadão, dos seus espaços de vivência, de permanência e a forma como essas relações se instalam e se concretizam, com novas visões do urbano.

Para tratar dessas e outras tantas questões este livro foi dividido em dois volumes, tendo o primeiro o foco na arquitetura, no espaço construído e o segundo no urbano, nos grandes espaços de viver, na malha que recebe a arquitetura.

No primeiro volume um percurso que se inicia na história, nos espaços já vividos. Na sequência abordam as questões tão pertinentes da sustentabilidade, para finalizar apresentando novas formas de produzir esse espaço e seus elementos, com qualidade e atendendo a nova realidade que vivemos.

No segundo volume os espaços verdes, áreas públicas, iniciam o livro, que passa por discussões acerca de espaços já consolidados e suas transformações, pela discussão sobre a morfologia urbana e de estratégias possíveis de intervenção nesses espaços, também em busca da sustentabilidade ambiental e social.

Todas as discussões acabam por abordar, na sua essência o fazer com qualidade, com respeito, com consciência, essa deve ser a premissa de qualquer estudo que envolva a arquitetura e os espaços do viver.

Jeanine Mafra Migliorini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CONSERVAÇÃO E PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: DOIS EXEMPLOS, DUAS REALIDADES	
Ronaldo André Rodrigues da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9542022071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>19</b>
METODOLOGIAS DE INTERVENÇÃO NOS FORROS DE ESTUQUE ORNAMENTAIS DO SÉCULO XIX DO RIO DE JANEIRO	
Teresa Cristina Menezes de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9542022072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>33</b>
O PATRIMÔNIO MODERNO DE EIXO HISTÓRICO DE SANTO AMARO, SÃO PAULO	
Maria Augusta Justi Pisani	
Luciana Monzillo de Oliveira	
Erika Ciconelli de Figueiredo Risso	
Isabella Silva de Serro Azul	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9542022073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>49</b>
O BAIRRO DO MORUMBÍ: UM SUBURBIO-JARDIM PAULISTANO E SUA ARQUITETURA MODERNA	
Rafaella Winarski Volpe	
José Geraldo Simões Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9542022074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>67</b>
HÁBITOS DE VIVIR Y CONSTRUIR DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS CHIQUITANOS DEL DEPARTAMENTO DE SANTA CRUZ, BOLÍVIA	
Roger Adolfo Hoyos Ramallo	
Miriam Chugar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9542022075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>80</b>
RÉQUIEM PARA LA VIVIENDA TRADICIONAL EN LA AMAZONÍA NORTE DE BOLIVIA	
Álvaro Eduardo Balderrama Guzmán	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9542022076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>101</b>
ARQUITETURA, CINEMA E SOCIEDADE: O CINEMA DE RUA	
Isabella Novais Faria	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9542022077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>117</b>
REPRESENTAÇÕES DAS CASAS GÊMEAS POR TECNOLOGIAS DE FABRICAÇÃO DIGITAL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ACERVO TÁTIL DO ENTORNO DA PRAÇA CEL PEDRO OSÓRIO, PELOTAS	
Lívia Marques Boyle	
Anelize Souza Teixeira	
Eduarda Galho dos Santos	
Igor Corrêa Knorr	
Karine Chalmes Braga	

Adriane Borda Almeida da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.9542022078**

**CAPÍTULO 9 ..... 124**

A INVESTIGAÇÃO EM ARQUITETURA A PARTIR DE ANÁLISES GRÁFICAS: UM ENSAIO DE REVISÃO SISTEMÁTICA

Sandro Martinez Conceição

Adriane Borda Almeida da Silva

Janice de Freitas Pires

**DOI 10.22533/at.ed.9542022079**

**CAPÍTULO 10 ..... 141**

A VEGETAÇÃO COMO SUPORTE PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM ABRIGOS INSTITUCIONAIS

Bárbara Terra Queiroz

**DOI 10.22533/at.ed.95420220710**

**CAPÍTULO 11 ..... 151**

RECREATING THE EARTH: MOVING MOUNTAINS AND IMAGINED TOPOGRAPHIES IN CONTEMPORARY ARCHITECTURE

Catarina Vitorino

**DOI 10.22533/at.ed.95420220711**

**CAPÍTULO 12 ..... 160**

A APLICAÇÃO DO BAMBU NA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA E O RESGATE DO VERNACULAR

Beatriz Emi Ueda

Celia Regina Moretti Meirelles

**DOI 10.22533/at.ed.95420220712**

**CAPÍTULO 13 ..... 174**

ARQUITETURA SUSTENTÁVEL: UMA INTEGRAÇÃO ENTRE MEIO AMBIENTE, PROJETO E PROCESSO CRIATIVO EM UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E EXTENSÃO NO IFPB – CAMPUS PATOS

João Paulo da Silva

Marcos Michael Gonçalves Ferreira

**DOI 10.22533/at.ed.95420220713**

**CAPÍTULO 14 ..... 188**

CERTIFICADO DE EFICIENCIA ENERGÉTICA INTEGRAL DE EDIFICIOS EN ETAPA POST-OCUPACIÓN. EL USUARIO-HABITANTE COMO DIMENSIÓN DE ANÁLISIS

Alción Alonso Frank

**DOI 10.22533/at.ed.95420220714**

**CAPÍTULO 15 ..... 204**

PROJETO ARQUITETÔNICO PASSIVO COMO ESTRATÉGIA DE EFICIÊNCIA ENERGÉTICA EM EDIFICAÇÃO COMERCIAL

Marcos Vinícius de Lima

Thaísa Leal da Silva

Lauro André Ribeiro

**DOI 10.22533/at.ed.95420220715**

**CAPÍTULO 16 ..... 216**

CERTIFICAÇÕES EDIFÍCIO ENERGIA ZERO NO BRASIL

Pamella Kahn

**DOI 10.22533/at.ed.95420220716**

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>228</b>
SUSTENTABILIDADE E QUALIDADE AMBIENTAL DE PROJETOS CORPORATIVOS EM FORTALEZA-CE	
Adriana Castelo Branco Ponte de Araujo	
Cibele de Oliveira Parreiras Gomes	
Roberta Aguiar Tomaz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95420220717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>243</b>
DESMISTIFICANDO O <i>CO-LIVING</i> : UMA NOVA FORMA DE ENTENDER A HABITAÇÃO	
João Ricardo Freire de Moraes Machado	
Maisa Fernandes Dutra Veloso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95420220718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>255</b>
ANÁLISE FORMAL E PERCEPTIVA DE ELEMENTOS VAZADOS PARA ILUMINAÇÃO NATURAL	
Laralys Monteiro	
Wilson Flório	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95420220719</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>272</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>273</b>



## DESMISTIFICANDO O *CO-LIVING*: UMA NOVA FORMA DE ENTENDER A HABITAÇÃO

Data de aceite: 05/07/2020

Data de submissão: 25/05/2020

### **João Ricardo Freire de Moraes Machado**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte,  
UFRN

Natal – RN

<http://lattes.cnpq.br/0839807624610288>

### **Maisa Fernandes Dutra Veloso**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte,  
UFRN

Natal - RN

<http://lattes.cnpq.br/4974901249133556>

**RESUMO:** Este texto apresenta parte de uma pesquisa do mestrado profissional em Arquitetura, Projeto e Meio Ambiente, desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que teve como objeto o *co-living*, como uma das formas de morar contemporânea. A pesquisa pautou-se na escassa literatura sobre o tema, em estudos de referências de empreendimentos desta modalidade habitacional no Brasil e no mundo e teve como produto um relatório técnico e uma proposição arquitetônica para a cidade de Natal. Este artigo enfoca nossas reflexões sobre o conceito de *co-living*, suas características

principais, procurando estabelecer algumas estratégias de projeto desta forma de habitação compartilhada, ainda pouco explorada no Brasil.

**PALAVRAS - CHAVE:** Projeto arquitetônico, *co-living*, espaços compartilhados.

### DEMYSTIFYING CO-LIVING:

#### A NEW WAY TO UNDERSTAND HOUSING

**ABSTRACT:** This text presents part of a professional master research in Architecture, Design and Environment, developed at the Federal University of Rio Grande do Norte, which had as its focus on the *co-living*, as one of the contemporary ways of living. The research was based on the scarce literature on the subject, on case studies of this housing modality in Brazil and in the world and had as a final product a technical report and an architectural proposal for the city of Natal. This article focuses on our reflections on the concept of *co-living*, its main characteristics, seeking to establish some design strategies for this form of shared housing, still little explored in Brazil.

**KEYWORDS:** Architectural design, *co-living*, shared spaces.

## 1 | INTRODUÇÃO

Aqueles nascidos entre as décadas de 1980 e 1990 constituem a primeira geração dos chamados “nativos digitais” e representam, aproximadamente, 30% da população da América Latina, conforme o estudo intitulado *Millennials em Latinoamérica* de Antoni Gutiérrez-Rubí (2016). De acordo com o SEBRAE<sup>1</sup> (2017), essa geração é a faixa etária mais representativa no mercado norte-americano e, aqui no Brasil, eles já representam 44% da população economicamente ativa, desde 2006. Essa geração tem uma nova maneira de encarar o mundo e demanda produtos e serviços específicos e diferenciados, mais sustentáveis, incluindo novas formas do morar. Atualmente, moradias como o Podshare<sup>2</sup> e We Live<sup>3</sup> já sinalizam mudanças para atendimento dessa parcela do mercado anteriormente negligenciada. Essas novas necessidades estão reformulando a maneira como entendemos a moradia, como mostrou o surgimento do Airbnb<sup>4</sup>, em 2009, surpreendendo os mercados hoteleiro e imobiliário. Nesse cenário, também se inclui a noção de economia compartilhada, modelo no qual o serviço interessa mais do que a posse, o que se expressa em expoentes como o Uber<sup>5</sup>, a Netflix<sup>6</sup> e o Airbnb, que também nasceram com foco nas necessidades desta geração, para a qual o “ter” e o “acumular”, tão importantes para gerações anteriores, são menos importantes do que o “ser” e o “experimentar” novas vivências.

Essa nova forma de pensar levou ao surgimento do *co-working*, em que um grande ambiente de trabalho compartilhado abriga profissionais liberais contemporâneos, desejosos de diminuir custos e agregando pessoas com objetivos comuns. Foi uma questão de tempo para se perceber que a morada poderia ser também compartilhada e mais próxima ou mesmo associada ao local de trabalho.

Assim, o *co-living* surge para atender esta e outras necessidades desta geração, que representa um significativo nicho de mercado e que não estava, ao menos no caso brasileiro, recebendo a devida atenção do mercado imobiliário, notadamente a chamada *geração Millennials*<sup>7</sup>. Como veremos, no *co-living*, o usuário não tem interesse na compra

1 Dados disponíveis em: [http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mg/artigos/millennials -os-consumidores-do-momento,d7da312905e27510VgnVCM1000004c00210aRCRD](http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mg/artigos/millennials-os-consumidores-do-momento,d7da312905e27510VgnVCM1000004c00210aRCRD)

2 Podshare é um tipo de acomodação compartilhada de baixo custo que oferece o mínimo: cada pod consiste em uma cama com TV, tomadas, internet e uma luminária. Neste tipo de acomodação, não existem quartos individuais, nem divisórias e nem cortinas nas camas. Os pods são dispostos em um ambiente único, e os seus usuários compartilham os banheiros e uma cozinha comunitária.

3 We live é uma empresa americana que administra apartamentos, em *co-living*, em áreas centrais em Nova York e Washington, com toda uma infraestrutura de apoio, incluindo lavanderia e concierge.

4 Airbnb começou em 2008 e hoje milhões de anfitriões e viajantes criam uma conta gratuita no site oficial e assim podem anunciar ou reservar acomodações em qualquer lugar do mundo.

5 Uber é uma empresa tecnológica onde através do seu aplicativo os usuários que necessitam de transporte conseguem contatar motoristas parceiros para oferecerem o serviço.

6 Netflix é uma empresa norte-americana que disponibiliza através de uma mensalidade fixa, um extenso catálogo de filmes e séries, que podem ser acessados via tablet, celular ou smart TV.

7 *Millennials* ou geração do Milênio foi um termo cunhado em 1987 por Neil Howe e William Strauss para nomear a geração que estava por vir e em 2000 escreveram um livro sobre essa geração chamado *Millennials Rising: The Next Great Generation*.

do imóvel, pois ele compreende o ato de morar como mais um serviço à sua disposição.

Este texto, parte do produto de uma pesquisa de pós-graduação profissional em Arquitetura, Projeto e Meio Ambiente, desenvolvida na Universidade do Rio Grande do Norte, apresenta reflexões sobre o *co-living*, como uma forma de morar contemporânea, ainda pouco conhecida e explorada no Brasil, em grande parte devido a questões de entendimento do conceito e características que envolvem esse tipo habitacional.

Além dessa Introdução, na segunda parte, fazemos uma contextualização do surgimento do *co-living*, em seguida, uma discussão acerca do conceito. Na quarta parte, elencamos suas principais características arquitetônicas de forma a subsidiar estratégias de projeto para este tipo de empreendimento, finalizando com as considerações das potencialidades e limites, sobretudo no contexto do nosso estudo.

## **2 | AS RECENTES (R)EVOLUÇÕES NA MORADA E A DIVERSIDADE FAMILIAR**

A relação das pessoas com a sua morada está em constante evolução, o que se relaciona, em parte, com as transformações no núcleo familiar, que se intensificou nos anos 1960, com a emancipação da mulher e a sua inclusão no mercado de trabalho, e a diminuição da taxa de mortalidade. A partir de então, começaram a surgir novos grupos familiares, tais como famílias monoparentais, casais sem filhos, uniões livres – incluindo os casais homossexuais e grupos coabitando espaços sem laços conjugais ou de parentesco (TRAMONTANO, 2003).

Atualmente, a presença indiscutível da tecnologia tem desempenhado um papel importante na configuração dos espaços domésticos, onde o telefone celular, laptop e seus muitos aplicativos, reduziram muitos itens antes imprescindíveis em nosso cotidiano, tais como livros, revistas, CDs, DVDs, entre outros. Parte expressiva dos jovens de hoje, que nasceram na era digital, detém uma maneira de morar mais simplificada e uma tendência ao desapego material. No entanto, se compararmos com as inúmeras mudanças que aconteceram no modo de viver do indivíduo, relativamente, foram poucas as transformações no ambiente doméstico.

De acordo com Esteves (2013), muitas mudanças aconteceram na sociedade nos últimos anos, no que diz respeito à organização social e à modificação do padrão dos perfis sociais. Neste contexto, o mercado assumiu um papel importante na concepção dos projetos, ditando regras e influenciando as maneiras de morar. E são justamente essas influências externas que acabam prevalecendo, em detrimento das adequações necessárias para atender à diversidade existente de usuários e seus modos de vida. No Brasil, apesar das crises econômicas, o empobrecimento da população em geral e o aumento das disparidades de renda, o sonho da casa própria continuou sendo estimulado pelo mercado imobiliário que, frente à nova realidade, começou a comercializar, por um

lado, apartamentos cada vez menores para as classes médias e menos abastadas, e por outro, seja moradias de alto luxo, principalmente em condomínios fechados, isolados da vida urbana.

Em contraposição a um mundo cada vez mais globalizado, conectado e individualista, surgem algumas tentativas de resgate do senso de comunidade, através das residências compartilhadas, onde grupos se formam para exercer a coletividade. Geralmente, essa comunidade é formada por pessoas que habitam quartos individuais e dividem espaços comuns como sala, cozinha, lavanderia e banheiros. A razão de viver coletivamente não se baseia exclusivamente na divisão de gastos, mas na experiência de viver coletivamente, de pertencimento, da troca de experiências e de ter a oportunidade de se relacionar com pessoas com quem se compartilha afinidades. Deve-se observar que estas foram também as razões pelas quais as pessoas fundaram o movimento denominado *co-housing*, na Dinamarca dos anos 1960, em busca de um senso de comunidade e pertencimento, como uma tentativa de resgate de valores e, de certa forma, uma reação ao meio externo, competitivo, perigoso e opressivo.

Após o sucesso do *co-working* surge então o *co-living* para atender às necessidades de um significativo nicho de mercado notadamente a chamada geração *Millennials*.

De acordo com Mendonça (2014), outro aspecto importante para o surgimento do *co-living* foi o posicionamento do mercado imobiliário.

(...) o mercado imobiliário, enquadrado no sistema capitalista que nos rege, é um forte agente modificador. Porém, interesses externos aos empreendimentos prevalecem no que diz respeito ao projeto, negligenciando a diversidade de seus usuários e os modos atuais de vida. Na verdade, está ocorrendo uma massificação dos modelos habitacionais, com divisões rígidas, impossibilitando a flexibilização dos espaços (MENDONÇA, 2014, p.04).

Até mesmo o *co-living*, com seu pouco tempo de existência, teve que se flexibilizar para atender a diferentes perfis de usuários. Existem hoje startups<sup>8</sup> e pequenos negócios que vão influenciar bastante a maneira como moramos em um futuro bem próximo. Há empresas que focam em um modelo de *co-living* de baixo custo, como a empresa americana *Podshare*, citada anteriormente, que reduz a unidade habitacional a um casulo, ou seja, uma cama equipada com as comodidades básicas para uma curta estadia, enquanto que a empresa *Roam*<sup>9</sup> prefere focar em habitações mais espaçosas, investindo em design e no mercado de luxo.

Por ser um assunto muito recente e com pouco material disponível, é importante que se desenvolvam pesquisas a respeito para construção de um conhecimento sobre nova maneira de morar e das necessidades dos seus usuários.

---

8 Startup é uma empresa jovem e inovadora com um modelo de negócio repetível e escalável.

9 Roam é uma rede de espaços em *co-living* exclusivo para membros, onde uma vez que você se torna um sócio você pode se hospedar em quaisquer uma das filiais disponíveis ao redor do mundo. Atualmente a empresa conta com unidades em Miami, Bali, Tóquio, São Francisco e Londres.



### 3 | AFINAL O QUE É *CO-LIVING*?

Sabe-se que o homem é um ser social e que a vida em grupo sempre esteve presente ao longo da nossa história. Já existiram diversos tipos de morada compartilhada, entretanto, o *co-living* busca atender a demandas da vida atual. Segundo McCamant e Durrett (1994, apud COELHO, 2010), o *co-living* é uma adaptação do *co-housing*, que foi um movimento dinamarquês da década de 1960, conduzido por pessoas que ansiavam por uma vizinhança com um maior senso de comunidade, inexistente nos subúrbios e nos blocos de apartamentos daquela época. Assim, algumas famílias se reuniram para criar comunidades de casas com o intuito de desenvolver o senso de comunidade através do compartilhamento de espaços sociais. Neste caso, um grupo de pessoas com um propósito em comum, se reúne, compra o terreno, desenvolve o projeto e depois administra a comunidade conjuntamente, com assessoria de um mediador.

Já no *co-living* os moradores não participam do processo de implantação, nem tampouco são investidores da empreitada. Os moradores aqui são, em sua maioria, inquilinos de um condomínio de apartamentos, cujos atrativos são geralmente de ordem prática: localização privilegiada, oferta de conveniências essenciais ao dia-a-dia, tais como lavanderia e *co-working*, instalações modernas, e taxa única de condomínio, incluindo uma variedade de serviços como água, luz, gás, internet e TV a cabo.

O *co-living* é uma morada compartilhada, que atende principalmente estudantes e jovens profissionais, que passarão uma parte de suas vidas dividindo espaços e experiências, porém, podendo usufruir da sua privacidade, quando desejada. A maioria das unidades habitacionais em *co-living* possui independência das áreas comuns, no que diz respeito às necessidades básicas do dia a dia, como uma pequena copa e banheiro privativo. Por conta dessas características ainda é algumas vezes confundido com outras formas de morar compartilhada, como a república de estudantes e o *hostel*. Por sua filosofia de moradia com serviços compartilhados, acredita-se que o *co-living* estaria mais próximo de um *hostel*; entretanto, o nível de privacidade e a finalidade são bem distintos.

Partindo do entendimento de que a Arquitetura pode potencializar a interação de seus moradores, é importante que projetos de arquitetura para edifícios em *co-living* sejam desenvolvidos com estes fins, buscando minimizar os impactos da vida compartilhada e maximizar as relações e o senso de comunidade e pertencimento. Analisando alguns projetos contemporâneos desta natureza em diferentes partes do mundo, foi possível entender que o nível de compartilhamento é variável de projeto para projeto, assim como o nível de dependência das unidades habitacionais. Davidson (2017) lembra que, em um projeto em *co-living*, a fronteira entre o público e o privado merece total atenção, buscando ambientes comuns convincentes para o seu uso e que estimulem um forte senso de segurança, comunidade e bem-estar.

De acordo com Green (2017),

[...] na morada contemporânea em *co-living* existe um conjunto de dinâmicas e negociações que não são familiares para aqueles que vivem em uma residência convencional e talvez seja essa a razão pela qual alguns empreendimentos estão ruindo e colocando em cheque a questão do *co-living* nas habitações de hoje. (GREEN, 2017, p.01, tradução nossa).

Ting (2016) também fala que com a exceção do Podshare, que já possui 05 anos, as atuais empresas em *co-living* são muito recentes. O autor nos faz questionar se o modelo é sustentável e, por uma boa razão, pois nem todos experimentos em *co-living* tem obtido sucesso financeiro. Em sua pesquisa envolvendo um estudo de caso em dois empreendimentos com perfis de clientes distintos, Green (2017) conclui que existem quatro barreiras para o sucesso de uma habitação em *co-living*. Primeiramente, a falta de pesquisas na área tem gerado um conhecimento pobre sobre as necessidades dos usuários, levando a criação de espaços que não satisfazem seus objetivos. Segundo, que existem ideias negativas pré-concebidas sobre o compartilhar e um receio de que as comunidades não se engajem para adequar-se com sucesso ao modelo de *co-living*. Os custos iniciais de um projeto e a existência de poucas ferramentas são fatores restritivos, impedindo experimentos mais ricos, como a implantação do modelo. Finalmente, alguns itens do mobiliário existente nestes empreendimentos não possuem a qualidade necessária para suportar o uso comum, não conseguindo inspirar o envolvimento por parte dos usuários, e conseqüentemente não se integrando à complexa rede do *co-living* nem agregando valor à experiência do residente.

Acredita-se, entretanto, que apesar da escassez de material técnico na área de Arquitetura em relação à habitação em *co-living* no Brasil e no mundo, é possível fazer uma análise das experiências apresentadas em estudos de casos ou referências em teses e dissertações, com o intuito de construir um conhecimento que possibilite o desenvolvimento de estratégias de projeto eficazes para atender às necessidades específicas deste tipo de edificação e de seu público alvo, em grande parte composto por jovens profissionais e nômades digitais. Outra fonte utilizada para melhor entender esta nova maneira de morar é o material publicitário disponibilizado pelas construtoras e escritórios de arquitetura, muito rico em informações técnicas, sendo possível encontrar os desenhos técnicos, assim como ter acesso ao processo criativo do arquiteto. É geralmente neste material onde se encontram as pesquisas de mercado acerca da geração *Millennials* e as suas necessidades e expectativas. Com base nessas referências e estudos, alguns pontos importantes a serem considerados em um projeto de *co-living* são elencados a seguir.

#### **4 | ESTRATÉGIAS PROJETUAIS PARA POTENCIALIZAR AS ÁREAS COMPARTILHADAS E A RELAÇÃO COM O ENTORNO**

De acordo com Horelli (2013, p.01, tradução nossa) “É surpreendente como a importância dos espaços compartilhados tem sido subestimada, apesar do seu papel

significativo na coprodução da comunidade”. Observando os projetos de *co-housing*, podemos notar características comuns entre eles, como a existência de espaços comunitários internos e externos, boa visibilidade e acesso fácil a áreas compartilhadas, transição gradual entre o privado e o público através de zonas semiprivadas, circulação para pedestres e a redução da área privada nas unidades com a intenção de promover atividades sociais fora da unidade, disponibilizando espaços compartilhados, como a lavanderia, a cozinha e a sala de TV comunitária.

Em seu artigo intitulado *Designing neighborhood for social interaction*, Jo Williams (2005), com base em estudos em comunidades em *co-housing* na Califórnia, afirma que os fatores chaves do desenho que influenciam diretamente a interação social são a divisão dos espaços e as circulações, e que o posicionamento central dos espaços compartilhados estimula a participação e a unidade no grupo. Foram também identificados nesta pesquisa fatores que afastam os usuários das áreas comuns, tais como escolha de mobiliário inadequado e a sua falta de manutenção. Em relação ao dimensionamento dos espaços, tanto o sub quanto o superdimensionamento podem afastar os moradores, levando ao desconforto no desenvolvimento das atividades ou trazendo a sensação de inadequação ou ociosidade de espaço. Segundo os moradores, a visibilidade das áreas compartilhadas é de grande relevância para uma utilização mais efetiva por parte do grupo, se tornando mais convidativa através da visualização do seu uso e talvez desmistificando algumas crenças inibidoras de ordem pessoal. As áreas intermediárias são imprescindíveis em um ambiente colaborativo, possibilitando uma transição mais suave entre os espaços privados e comuns.

Em relação à eficiência das áreas compartilhadas, Williams (2005) considera que o design possui um papel importante na integração social, onde densidade e o layout, a divisão dos espaços públicos e privados e a qualidade e a funcionalidade das áreas compartilhadas, são peças chaves para o sucesso do empreendimento.

Resultados bastante pertinentes também foram obtidos em uma avaliação pós-ocupação realizada em instalações estudantis, em nove *campi* universitários em Massachusetts (EUA), que Nugent (2012, tradução nossa) expõe no artigo intitulado *Residential commom places that really work*. Após a análise dos dados coletados, foi possível reconhecer alguns padrões e características presentes nos ambientes com maior integração social. Conforme Nugent (2012, p.3), “os estudantes querem ver e serem vistos, então, espaços abertos são mais populares do que espaços fechados, pois qualquer barreira visual pode ser um empecilho para o estudante se engajar nas atividades em desenvolvimento”. Quando o isolamento é necessário para o bom desempenho das atividades, painéis de vidro podem fornecer o isolamento acústico necessário sem comprometer o contato visual e a sua conectividade. Além disso, espaços fechados ou com pouca visibilidade podem inspirar falta de segurança. Outro aspecto relevante descoberto é que os estudantes se sentem menos intimidados em participar de atividades

em espaços multiuso, em detrimento de espaços de atividades individuais. Espaços que são vistos como meramente funcionais, como a lavanderia, podem se tornar polos de integração social, caso sejam bem projetados e integrados a outras funções, como, por exemplo, sinuca ou um pebolim, ou um jardim. Quando existem unidades habitacionais compartilhadas, é importante que se criem espaços reservados nas circulações. A relação do estudante com o espaço é mais efetiva quando seu nível de conforto é elevado e isso está ligado à sua possibilidade de interação com o ambiente, personalizando-o e identificando-o como seu, não importa se em nível de unidade habitacional, pavimento ou edificação.

O estudo também aponta que o desconforto térmico, a baixa ou excessiva luminosidade, o isolamento acústico ineficiente e a baixa qualidade e/ou inadequação do mobiliário são razões pelas quais os estudantes não utilizavam certos ambientes. Foi percebido, também, que quando os materiais utilizados foram escolhidos apenas devido a sua baixa manutenção e alta durabilidade, isso paradoxalmente não inspirava cuidados por parte dos alunos e ainda desencadeava atos de vandalismos e depredação. No entanto, ambientes acolhedores como os encontrados em casa, faziam brotar sentimento de orgulho, pertencimento e cuidado com o lugar. Em relação ao mobiliário, foi entendido que a variação dos tipos de assentos (sofá, cadeira, poltrona, pufe, etc.) é bastante positiva, e que, preferencialmente, este mobiliário possua fácil mobilidade, possibilitando diferentes *layouts*.

Do ponto de vista da integração do edifício com o meio urbano, como já pregava Jane Jacobs há décadas atrás, o emprego de fachadas ativas, alinhadas com o passeio público, de uso não residencial e geralmente ocupadas pelo comércio, possibilitam uma maior permeabilidade visual entre os pedestres e as edificações. Elas também aumentam o senso de comunidade, diminuem a sensação de isolamento e insegurança, auxiliam na redução da criminalidade, assim como também desenvolvem nos cidadãos a preferência por áreas que possuam uma maior interatividade entre os pedestres e as edificações. De acordo com Hertzberger (1996, p.12), “não se pode dar uma ênfase exacerbada a essa dicotomia externo e interno, pois a nuance, a graduação se faz necessária”. É desta visão mais branda que surge a concepção de dois espaços, os espaços semiprivados e semipúblicos. Segundo Bruna (apud ARAGÃO, 2003), pode-se dizer que os espaços semiprivados são aqueles que pertencem a um grupo de pessoas que possuem uma relação entre si, enquanto que os espaços semipúblicos são aqueles que apesar de serem coletivos e abertos ao público, possuem regras de uso. E ainda, diante dessa hierarquia dos espaços, de acordo com as suas características de uso, a transição de um espaço para outro pode ser de forma direta ou indireta. Segundo Shahlaei e Mohajeri (2015), a relevância destes espaços se dá pela capacidade de criar um senso de integração e consistência e se estes tiverem um bom desempenho, irão configurar-se como lugares híbridos, possuidores das qualidades de ambos. Estes espaços podem proporcionar o



melhor dos dois lados e ainda exercer funções específicas, podendo servir como um hall ou ser adequado para uma longa ou curta permanência.

Segundo Kassenverge e Laven (apud SCOPEL, 2016, p.10, tradução nossa) “o andar térreo ocupa apenas 10% do prédio, mas ele determina 90% da contribuição do prédio à experiência do entorno”. E ainda, Van Der Ham e Ulden (apud SCOPEL, 2016, p.10, tradução nossa) retifica que “80% dos contatos informais entre residentes de um bairro ocorrem em zonas híbridas.”

Assim sendo, em um co-living deve-se priorizar a integração:

1) Entre os habitantes, ao mesmo tempo em que lhes é garantida a privacidade de suas unidades habitacionais;

2) Entre o edifício e o meio urbano, observando princípios de urbanidade (HOLANDA, 2012).

Estes princípios foram aplicados num projeto arquitetônico em *co-living* para a cidade de Natal, apresentado como projeto final da pós-graduação profissional na UFRN, aqui apresentado a título de ilustração apenas (Figuras 1, 2 e 3).



Figura 1: Utilizando o princípio da fachada ativa, o edifício se comunica com o seu entorno através de áreas de transição semi-pública.



Figura 2: Um jardim Zen foi integrado à lavanderia na cobertura, possibilitando uma maior integração social.



Figura 3: Os espaços multifuncionais são mais convidativos ao uso compartilhado, e quando existe incompatibilidade de usos e/ou necessidade de isolamento, divisórias em vidro podem ser utilizadas sem comprometer a sua integração visual.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da globalização, é crescente o sentimento de solidão, sobretudo no ambiente doméstico, mas também nos de trabalho e lazer. Como alternativa a essa condição, surgiram propostas de empreendimentos compartilhados, como o *co-working*, o *co-*

*housing* e o *co-living*, baseadas não somente na redução dos custos, mas na possibilidade de agregar, em um só lugar, pessoas com interesses e objetivos comuns. A arquitetura possui meios para impactar positivamente na vida das pessoas, melhorando os laços sociais e, conseqüentemente, a qualidade de vida. É nosso anseio que este trabalho fomente a discussão sobre as novas formas de morar em meio à diversidade dos grupos sociais e familiares existentes, bem como a inadequação dos imóveis-padrões existentes frente a essa diversidade.

O tema “moradas compartilhadas/*co-living*” é bastante vasto e ainda pouco explorado tanto academicamente como pelo mercado imobiliário em nosso país, sendo de grande importância o entendimento de seu conceito e suas formas de implantação, para que não haja incompreensões e mal emprego de seus princípios fundamentais, o que pode levar ao insucesso deste tipo de empreendimento.

A atual pandemia da COVID-19 tem afetado fortemente nosso planeta e colocado em caráter urgente e prioritário as questões da saúde e da qualidade ambiental universais, assim como evidenciado, em contexto de isolamento social, a importância da moradia como local de desenvolvimento de inúmeras atividades. Isto reforça a necessidade de se projetar espaços que permitam às pessoas se sentirem mais confortáveis, menos sozinhas e dependentes de serviços externos/distantes, o que coloca novos termos para a questão do *co-living*.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, D.A.; Millennials: os empreendedores do momento. SEBRAE, 2017. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mg/artigos/millennials-os-consumidores-do-momento,d7da312905e27510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 11 de Maio de 2018.

CARNEIRO, V.C.; CARNEIRO, V.V. *Da posse ao acesso: o papel da economia compartilhada para o consumo sustentável*. São Paulo: XIX ENGEMA. Universidade de São Paulo, 2017.

COELHO, R. *Architectural Development of Urban Social Capital: Cohousing in downtown Toronto*. Dissertação de mestrado em arquitetura. Ryerson University, Toronto, Canadá, *paper* 845, 2010

DAVIDSSON, Felicia. *A-PART-MENT: transitions between different degrees of privacy in a co-living setting*. Dissertação de mestrado em arquitetura. Chalmers School of Architecture. Gothenburg, Suécia, 2007

ESTEVEZ, A.M. C. *Flexibilidade em arquitetura: uma contribuição adicional para a sustentabilidade do ambiente construído*. Coimbra: 2013.224p

GREEN, George. *The logistics of harmonious Co-living: exploring contemporary co-living through design interventions*. Dissertação de mestrado em arquitetura. Linnaeus University. Smaland, Suécia, 2017

GUTIÉRREZ-RUBÍ, A. *Millennials em latinoamérica: una perspectiva desde Ecuador*. Barcelona, Espanha: Editorial Ariel, S.A., 2016.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de arquitetura*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

HOLANDA, Frederico. Urbanidade: Arquitetônica e Social. In: AGUIAR, D.; NETTO, V. (org). Urbanidades. Rio de Janeiro: Letra e Imagem Editora, 2012.

HORELLI, Liisa. The role of shaped space for the building and maintenance of community from gender perspective – a longitudinal case study in a neighborhood of Helsinki. *Social Science Directory*. Vol.2, Nº 3, p 01-20. Aalto University, Finlândia, 2013.

JACOBS, Jane. Morte e vida nas grandes cidades. Martins Fontes: São Paulo, 2014.

NUGENT, J. Residential Common Spaces that really work. *Planning for higher education*. Vol.4, Nº1. Society for College and University Planning, 2012.

SCOPEL, V. G. Espaços de transição: o elo conector entre o edifício e a cidade. In: VIII Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo. CIDADE, TERRITÓRIO E PAISAGEM: PESQUISA E PROJETO, 2016, Balneário Camboriú. CIDADE, TERRITÓRIO E PAISAGEM: PESQUISA E PROJETO, 2016

SHAHLAEI, Alireza; MOHAJERI, Marzieh. In-between Space: Dialectic of Inside and Outside in Architecture. *International Journal of Architecture and Urban Development*, Vol. 5, Nº 3. Islamic Azad University, Iran, 2015.

TING, Deanna. Here is why co-living could be the next big hospitality trend. 2016. Disponível em: <https://skift.com/2016/06/06/heres-why-co-living-could-be-the-next-big-hospitality-trend/>

TRAMONTANO, M. Alice no país da especulação imobiliária: habitação e modos de vida na cidade de São Paulo. *Cidades. Comunidades e territórios*. Lisboa, Portugal: v.06, p.75-82, 2003. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>. Acessado em: 14.04.18

TRAMONTANO, M. Apartamento, arquitetura e mercado: estado das coisas. In: *Oficina Verticalização das cidades Brasileiras*, São Paulo: 2006. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>. Acessado em 15.04.18

WILLIAMS, J. Designing Neighbourhoods for Social Interaction: The Case of Cohousing. *Journal of Urban Design*. Vol.10 Nº02, p.195-227. Nottingham University, 2005.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abrigo Institucional 141, 142, 144, 146

Amazonia 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 93, 99

Análise Gráfica 124, 127, 128, 139, 140

Arqueologia Industrial 1, 7, 8, 9, 10, 11

Arquitetura 10, 19, 24, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 57, 60, 62, 63, 66, 101, 104, 106, 108, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 144, 151, 152, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 186, 187, 204, 205, 206, 207, 213, 214, 215, 216, 218, 223, 224, 225, 228, 241, 242, 243, 245, 247, 248, 253, 254, 256, 258, 268, 270, 271, 272

Arquitetura Contemporânea 151, 152, 160, 162, 172, 271

Arquitetura Moderna 33, 37, 38, 39, 40, 41, 46, 47, 49, 51, 52, 53, 57, 66, 108, 137

Arquitetura Passiva 204, 205, 206, 207, 213, 214

Arquitetura Sustentável 174, 177, 180, 186, 187, 215, 225, 228, 241, 242, 271

Arquitetura Vernacular 160, 161, 162, 163, 164, 166, 172, 173

### B

Bairro-Jardim 49, 59

Bambu 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Bioconstruções 174, 175, 177

### C

Certificação 165, 213, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 229, 230, 231, 232, 235, 236, 239, 240, 241

Cinema 58, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 176

Co-Living 243, 244, 245, 246, 247, 248, 251, 253, 254

Conservação 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 32, 39, 43, 111, 112, 160, 180, 205, 206, 209, 215

Construções Alternativas 174, 175

### D

Desenvolvimento Cognitivo 141, 142, 147, 149

### E

Edificação Comercial 204, 205

Eficiência Ambiental 174, 175

Eficiência Energética 174, 180, 181, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 226, 238, 239

Elementos Vazados 209, 255, 256, 257, 258, 262, 268, 270, 271

Espaços Compartilhados 243, 248, 249

Estuque 19, 20, 21, 23, 24, 26, 29, 32

## **G**

Geração de Energia Renovável 216, 218, 220, 224, 225

## **I**

Iluminação Natural 164, 174, 180, 182, 207, 209, 210, 211, 212, 214, 218, 222, 224, 231, 236, 255, 256, 257, 259, 270

Inclusão Cultural 117, 119

Investigação em Arquitetura 124

## **M**

Modelagem Paramétrica 126, 255, 256, 258, 259, 267, 270

Modelos Táteis 117, 123

## **N**

Nível de Eficiência Del Usuario-Habitante 188

## **P**

Patrimônio Cultural 1, 2, 3, 6, 7, 8, 15, 16, 17, 33, 35, 53, 163

Patrimônio Industrial 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 17, 18

Processo de Projeto 124, 133, 134, 135, 137, 140, 177, 207, 236

Projeto Arquitetônico 162, 166, 173, 174, 177, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 204, 205, 207, 208, 214, 243, 251

Projeto Corporativo 228

Pueblos Indígenas 67, 69, 72, 74, 78, 80, 83, 89, 99, 100

## **Q**

Qualidade Ambiental 228, 229, 231, 232, 235, 237, 240, 241, 253

## **R**

Restauração 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18



## **S**

Sustentabilidade 162, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 180, 183, 184, 186, 187, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 229, 231, 253

## **T**

Técnica Construtiva 160

## **V**

Vegetação 59, 60, 62, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 163

Vivienda Tradicional 80, 81, 93, 94, 97, 98

## **Z**

Zero Energia 216, 218

**ARQUITETURA E  
URBANISMO:  
ABORDAGEM  
ABRANGENTE E  
POLIVALENTE**

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 